



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Cidadania, Política e Relações Sindicais II

Por: Gilberto Francisco Dalmolin⁵¹
dalmolin@ufac.br



1. Professor, comente um pouco sobre sua trajetória de formação e exercício profissional, enquanto Educador até o momento.

Tendo a formação, desde a educação básica, voltada para o trabalho com a educação, com os Irmãos Lassalistas, concomitante à vivência em ambientes de movimentos de pastorais sociais da Igreja Católica (Pastoral da Terra, Pastoral

51 É graduado em Ciências Religiosas (1982, PUC-PR), em Pedagogia (1984, PUC-PR), especialista em Metodologia do Ensino Superior (1996, UFAC-AC), especialista em Educação Ambiental (2001, USP-SP), mestre em Educação (1998, UFRJ-RJ) e doutor em Educação (2004, UFSCAR-SP). É servidor público federal, docente de Nível Superior da Área de Educação, da Universidade Federal do Acre há 24 anos, atuando no Ensino Superior, nos cursos de Licenciatura, com FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO POPULAR; MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO; EDUCAÇÃO ESCOLAR NAS COMUNIDADES INDÍGENAS; DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, na Extensão Universitária com: Projeto de Extensão: “ESCOLA CIDADÃ: assessoria a Escolas de Educação Básica/Educação de Jovens e Adultos; na Pesquisa com: Diversidade cultural e cidadania na educação; Observatório da Educação Básica no Acre com Orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso e Dissertações de Mestrado nas temáticas: Diversidade Cultural e Cidadania; Educação de Jovens e Adultos; Educação Escolar Indígena e Educação Inclusiva. Colabora com movimentos sociais e Sistemas de Ensino: Dialogando sobre Educação Popular, Educação Escolar Indígena, Direito à Educação e sobre o fazer pedagógico do professor-educador.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Indigenista, Defesa dos Direitos Humanos), movimento sindical e de inserção nos meios populares, cursamos Ciências Religiosas e Pedagogia e passamos a compartilhar da convicção de que é promovendo os direitos dos outros que conquistaremos os nossos direitos, ou na máxima dos movimentos sociais "Conquistamos a nossa liberdade a partir do momento que promovemos a liberdade do outro.". Nossa atuação profissional como educador tem início em Brasília durante o período da Assembléia Nacional Constituinte (1985 a 1990) deslocando-me do trabalho escolar para atuar no trabalho de apoio à mobilização indígena na luta pela inscrição dos seus direitos na Constituição Federal e na mobilização pela garantia dos direitos conquistados. A oportunidade desta convivência com educadores, lideranças indígenas e militantes indigenistas nos fez nos fez escolher o Acre - situado na Amazônia Ocidental, com um histórico de movimentos sociais, sindicais, ambientalistas que vão muito além de Chico Mendes e Marina Silva – como campo de luta e de trabalho, como lugar para viver. No Acre aprendemos e compartilhamos da riqueza das lutas populares da Amazônia Ocidental convivendo com valorosos homens e mulheres que tombaram nesta luta ou persistem no anonimato. Potencializamos e ressignificamos nossa atuação a partir do ingresso como docente na Universidade Federal do Acre, em 1991, imbricando o trabalho acadêmico com o trabalho em movimentos populares, sobretudo indígena. Assim, na carreira acadêmica cursamos o mestrado em Educação, estudando a contribuição da Educação Popular nas práticas educativas dos povos indígenas do Acre e doutorado em Educação, pesquisando e registrando o papel da Escola entre os povos indígenas. Acompanhando e participando das transformações, nos mantemos, atualmente, no trabalho com extensão, ensino e pesquisa na Universidade Federal do Acre com foco na questão indígena, educação popular e na defesa da educação escolar

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

publica estatal, gratuita e obrigatória como um direito humano fundamental a todas as pessoas, nesta última atuando substancialmente na formação de educadores.

2. Eu gostaria que o Sr falasse um pouco sobre o processo de formação do profissional de Educação no Brasil. Quais são seus avanços e dificuldades contemporâneas?

Diferentes concepções e interesses têm atuado e interferido nos rumos da educação escolar no Brasil, e a formação dos profissionais da educação não se dissocia de tais concepções e interesses. Concepções e interesses que não se traduzem em seriedade, compromisso na viabilização da educação como um direito social. Sem entrar na discussão dos dados sobre a qualidade da educação escolar, publicizado com frequência, há, no Brasil, uma dualidade na educação escolar: uma educação de qualidade acessada pelos mais ricos e educação escolar precária disponibilizada para imensa maioria da população. Também é de conhecimento público a desvalorização dos profissionais da educação refletida na baixa remuneração, e condições precárias de trabalho. Além das condições pouco atrativas para o trabalho na educação, nas últimas décadas a educação superior, incluindo a formação docente, tem sido alvo de interesse de mercado, tornando esta educação uma mercadoria cobiçada e altamente rentável, sobretudo com os artifícios de destinação de recursos públicos para empresas privadas de ensino (FIES – Fundo de Financiamento Estudantil e PROUNI – Programa Universidade para Todos), neste mesmo mercado sempre se fez forte a tendência de aligeiramento dos cursos de licenciatura com crescimento notório dos cursos à distância de mais difícil controle da qualidade. No tocante a avanços podemos destacar o estabelecimento de requisito mínimo para atuar na docência: a formação em nível

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

superior, e também em decorrência disto a ampliação das vagas em cursos de licenciatura; programas de governo visando a qualificação de professores leigos, programas de formação continuada; a instituição de Lei estabelecendo piso salarial nacional: piso que está muito aquém do que se requer como remuneração e, mesmo assim, descumprido por alguns estados e municípios; e, por fim, esforço na instituição de mecanismos de controle e avaliação da educação superior.

3. O campo de atuação do educador, no Acre, tradicionalmente, está inserido nas grandes questões nacionais. No entanto, sabe-se que esse trato com cidadãos de todas as classes, crenças e filosofias, em especial os povos indígenas de sua área de influência e estudos, trazendo ao profissional de educação um preparo direcionado à formação crítica e cidadã. Como o Sr vê a questão e seus possíveis desdobramentos na atualidade?

O Acre figurava até o final do século XX com os piores índices na educação destinada às camadas populares. A população rural: indígenas, seringueiros e ribeirinhos ansiavam por escola, como forma de sair de um regime de escravidão a que eram submetidos na venda de seu trabalho, sua produção e aquisição de bens. Participamos como cidadão, sindicalista e educador, na luta e conquistas por melhoria da educação neste Estado. Mesmo que longe do ideal e hoje ameaçada, são visíveis as conquistas e avanços nos últimos 15 anos, com o Acre figurando com os melhores índices na região norte, embora ainda precários. Do nada para alguma coisa não foi difícil, difícil é fazer com que a educação básica de qualidade, como um direito humano fundamental, chegue a todos. Quanto se fala do nada para alguma coisa, tomando apenas a educação escolar nas comunidades indígenas, como exemplo, a escola

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

chegou a todas as comunidades, houve um avanço na formação de professores índios, embora a grande maioria ainda não tenha formação em nível superior, dos algo em torno de 400 professores indígenas, 120 tem formação superior em licenciatura, 50 em curso próprio para docência indígena, indígenas cursando mestrado e um professor indígena já com doutorado. As dificuldades são as dificuldades comuns a outras regiões. No Acre talvez pela maior precariedade nas condições de vida, proliferam igrejas, seitas neopentecostais pautadas em princípios medievais, condenam a diversidade, os valores culturais, patrimônio nacional e da humanidade. Exemplificando, nas comunidades indígenas os valores culturais vêm sendo demonizados, nas zonas urbanas ataques aos “Direitos Humanos” caracterizada como defesa de bandidos.

4. A introdução de outros campos do saber da área na formação do educador, como a Filosofia e a Sociologia auxilia de que maneira na sua prática docente? Em que medida?

Em tempos “bicudos”, no qual falar de cidadania e diversidade é ser combatido como comunista; estudar, pautar-se na educação problematizadora preconizada por Paulo Freire é ser taxado de doutrinador, torna ainda maior o desafio em fazer chegar o saber escolarizado sempre a um maior número de pessoas, até universalizarmos o acesso ao saber, não saber mecânico, instrumental, mas o saber como instrumento de liberdade. A título de exemplo, no Acre, em 2015, celebra-se 40 anos de sindicalismo, aquele sindicalismo do qual participou Chico Mendes. Em seminário sobre o tema, na Universidade Federal do Acre, lideranças remanescentes dos primeiros sindicatos relembram que ansiavam não por igualdade, não queriam e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

não querem ser iguais, desejavam liberdade. A educação popular com base na proposta metodológica de Paulo Freire foi estratégica na busca por esta Liberdade. Uma liderança da época relata que a quarenta anos, com auxílio do MEB – Movimento de Educação de Base, a educação era central e contribuiu no processo de luta e conquistas por terra e direitos. Hoje, a escola com professores com formação aligeirada sem noção dos fundamentos da educação, filosofia, sociologia, reproduzem, depositam conteúdos em classes desconectadas da realidade onde está inserida que somada às novas tecnologias de comunicação, informação fazem retroceder e criar campo de retirada de direitos e territórios conquistados com muita luta em anos passados.

5. Gostaria que o Sr comentasse algo sobre o atual estado do campo da educação brasileira e no Acre, em especial, comparando-o com o de sua formação, quanto às dificuldades e desafios do educador.

Com base no relatado acima, a educação como um direito humano fundamental ainda não se efetivou para imensa maioria da população brasileira. Os anseios e conquistas, sobretudo em período de estagnação econômica, são seriamente ameaçados, vide as greves entre os docentes da educação básica nos estados e os 4 meses de greve dos servidores e professores das universidades federais em 2015. O Acre segue para estratégias semelhantes às nacionais, na qual a propalada “Pátria Educadora” lema do governo federal, “reforma” a educação pela privatização do ensino, investindo em mecanismos de avaliação, “termômetro” para detectar o óbvio sem fazer acompanhar o investimento, “remédio”, para sanar os problemas da educação. Diante deste contexto ao desafio de fazer avançar a educação escolar de qualidade precede o desafio de fazer frente ao desmonte do pouco que se conquistou



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

em direitos. Prova disso é a declaração do governo de que não cumprirá as metas do PNE – Plano Nacional de Educação. Não se faz melhoria sem investimento ou, como defendia Anísio Teixeira no início do século XX: não se faz democracia sem educação.

6. O incentivo à formação e permanência de especialistas *stricto sensu*, em Educação é culturalmente desfavorecido no Acre. Para o Sr, o que está implícito na baixa procura por esse nível educacional em sua região?

Não se trata de baixa procura e sim de desigualdade regional. Até recentemente, e o quadro não mudou muito, somente a USP – Universidade de São Paulo dispunha de mais doutores que toda a região amazônica. Há uma grande dificuldade em manter quadros qualificados no meio amazônico em ambientes mais precários de trabalho, mediante os mesmos critérios de remuneração de regiões melhor providas de recursos. Exemplo disso, a UFAC - Universidade Federal do Acre, sobretudo para atuar em seu Campus do Interior, fronteira com o Peru, não consegue atrair, muito menos manter um quadro de mestres e doutores, não há qualquer incentivo diferenciado para fixar profissionais nestas regiões mais distantes, com custo de vida e de trabalho elevado, tendo remuneração igual ou inferior aos profissionais dos grandes centros, tendo que obedecer as mesmas regras de avaliação para validação do ensino ou obtenção de financiamento de pesquisa. As desigualdades regionais impõem situações injustas mediante critérios “universais”: torna-se difícil abrir programas *stricto sensu* não dispondo de quadro qualificado somando-se as dificuldades com a produtividade uma vez que os pesquisadores para participar de eventos em suas áreas, divulgar sua produção enfrentam um sobrecusto e outras

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

dificuldades para competir com os pares dos grandes centros.

7. Como é a recepção hoje, no Acre, de profissionais que se dedicaram a Educação ou de qualquer área tipicamente docente nas pós-graduações *stricto sensu* em sua localidade?

Trabalhar na Amazônia requer estar preparado para enfrentar condições adversas, para além do contexto acima explicitado, decorrente das dificuldades resultante das desigualdades regionais, geográficas e climáticas, o profissional precisa ter disposição para inculturar-se, adaptação a costumes, modos de vida, é preciso despir-se de preconceitos e do viés desenvolvimentista colonialista próprio da cultura ocidental dominante, de saber o que é melhor para o outro. O Acre está situado numa região rica em culturas, sociedades, há uma vasto patrimônio para ser conhecido e potencializado, o desafio é preservar estudar esta riqueza e fazer com que tal riqueza potencialize as condições de vida dos habitantes locais. Por experiência própria, se é bem-vindo quando se é capaz de reconhecer, valorizar promover, crescer junto.

8. Para finalizar, fale um pouco sobre suas atuais investigações e expectativas quanto a seus resultados.

Não podemos jamais desconsiderar o quão é imprescindível a educação escolar, sobretudo o acesso e permanência de todas as pessoas na escola, diante disso atuamos fortemente na defesa da escola de qualidade e investigamos o processo de universalização da educação básica no Acre, pesquisa que denominamos “observatório da Educação Básica no Acre”. No entanto, a educação não pode estar restrita a escola oficial comum. Temos um patrimônio cultural regional a ser valorizado e promovido



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

também a partir da escola, daí então conduzirmos a investigação Linguagem e educação em contextos plurais estudos a serem realizados por pesquisadores e estudantes vinculados ao Grupo de Pesquisa Educação, culturas, identidades e cidadania, que coordenamos. Temos convicção de que cumprimos papel relevante na sociedade contemporânea na defesa da educação escolar de qualidade para todos e na defesa da educação escolar e não escolar que promova a cultura, a cidadania/florestania, enfim a dignidade de todos as pessoas, em particular no meio amazônico.